

INICIAÇÃO À FILOSOFIA DA ARTE A PARTIR DA ADAPTAÇÃO DE *MORTE E VIDA SEVERINA* EM HQ

Nelcino Henrique Nascimento de Aquino¹

Resumo

O artigo analisa a adaptação em quadrinhos da obra *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, à luz da Filosofia da Arte proposta por Ariano Suassuna em *Iniciação à Estética*. A pesquisa discute conceitos como a transfiguração da arte, a arte do feio, o trágico e o dramático. A figura do retirante Severino é interpretada como símbolo universal do homem comum diante da miséria e do absurdo. Através de uma arte participante, a HQ revela como a beleza pode emergir da dor, ressignificando a existência e promovendo uma forma de salvação estética.

Palavras-chave: filosofia da arte; João Cabral de Melo Neto; Ariano Suassuna; *Morte e Vida Severina*; estética da transfiguração.

AN INITIATION INTO THE PHILOSOPHY OF ART THROUGH THE GRAPHIC ADAPTATION OF MORTE E VIDA SEVERINA

Abstract

The article analyzes the comic book adaptation of *Morte e Vida Severina* by João Cabral de Melo Neto in light of the Philosophy of Art proposed by Ariano Suassuna in *Iniciação à Estética*. The study discusses concepts such as the transfiguration of art, the art of ugliness, the tragic, and the dramatic. The figure of the migrant Severino is interpreted as a universal symbol of the common man in the face of misery and absurdity. Through an engaged form of art, the comic reveals how beauty can emerge from pain, re-signifying existence and promoting a kind of aesthetic salvation.

Keywords: philosophy of art; João Cabral de Melo Neto; Ariano Suassuna; *Morte e Vida Severina*; aesthetics of transfiguration.

¹ Mestrando em Filosofia pelo PROF-FILO núcleo IFSertãoPE. E-mail: outrashistoriasoutras@gmail.com

Introdução

Em 1955, João Cabral de Melo Neto publicou um de seus poemas mais populares: *Morte e Vida Severina*. Um ano antes, as Ligas Camponesas retomaram a luta por reforma agrária e melhores condições de vida para o trabalhador do campo. É nesse contexto que o autor escreve seu poema dramático como uma crítica social à dura realidade nordestina. A obra caracteriza-se como um Auto de Natal, ou seja, um tipo de peça teatral utilizada na Idade Média para contar sobre o nascimento de Cristo. Porém, na peça-poema cabralina, o cenário do Medieval é transposto para o imaginário nordestino. Em seu Auto de Natal pernambucano, Melo Neto narra a romaria fúnebre de Severino retirante, do sertão à beira-mar; e denuncia a via-sacra e a crucificação diária de uma população sertaneja condenada à morte. Desse modo, entre o regional e o universal, João Cabral de Melo Neto transfigura a feiura da existência do homem comum e produz a beleza perpétua de *Morte e Vida Severina*, a grande odisséia do retirante sertanejo, uma obra de arte elementar do modernismo brasileiro.

Em resumo, João Cabral de Melo Neto narra a saga de Severino, um retirante que abandona o semiárido em busca de sobrevivência no litoral. Severino representa outros tantos homens iguais a ele, homens condenados à “mesma morte Severina: / que é a morte de que se morre / de velhice antes dos trinta, / de emboscada antes dos vinte/ de fome um pouco por dia” (MELO NETO, 2010, p. 84). O retirante atravessa paisagens dilaceradas pela miséria e encontra em seu caminho apenas a morte e a fome. A poesia dramática de João Cabral, cheia de repetições rítmicas, como uma ladainha, reforça a monotonia angustiante dessa existência esvaziada, enquanto o retirante avança rumo ao seu fatídico destino: como quem acompanha o próprio enterro.

Finalmente, chegando ao Recife, Severino “senta-se para descansar ao pé de um muro alto e caiado e ouve, sem ser notado, a conversa de dois coveiros” (MELO NETO, 2010, p. 104). Nesse momento, o retirante horroriza-se ao descobrir sobre o fim trágico daqueles que emigram para a capital. É ali que ele percebe que a condição severina não se limita ao sertão, é uma sina triste que se repete mecanicamente em um mundo absurdo, desde as vilas pequeninas até a grande metrópole. Ora na monotonia da caatinga, ora no caos do manguezal. A miséria sempre se arreda. Então, frente ao seu desespero, Severino pensa em se matar. Talvez o suicídio fosse a melhor saída, diz ele. No entanto, a peça-poema não se encerra no desalento. O último ato traz o nascimento disruptivo de uma criança, um presente natalino que

interrompe a narrativa fúnebre e o fim trágico de Severino. O nascimento desse pobre deus-menino traz um lampejo de esperança popular. Uma teimosia de viver, ainda que envolta em lama e miséria. A chegada desse prematuro Jesus pernambucano é celebrada como um pequeno milagre para as vidas severinas que o arroteiam.

A versão ilustrada de *Morte e Vida Severina*, adaptada pelo cartunista Miguel Falcão, reconta o nomadismo forçado do retirante sertanejo. A edição em quadrinhos só foi possível graças à autorização concedida pelos herdeiros de João Cabral de Melo Neto. Tratou-se de uma publicação especial sem fins lucrativos, lançada em 2005 para marcar o cinquentenário das Ligas Camponesas em Pernambuco. Esta edição ressalta como a crítica social constitui o próprio alicerce do poema cabralino (FALCÃO, 2009).

A releitura de *Morte e Vida Severina* permanece com o texto integral da obra, complementado pelos elementos visuais produzidos pelo cartunismo xilográfico de Miguel Falcão. A adaptação também se divide em dezoito atos, e se mantém quase sempre em versos, ao contrário do texto em prosa mais comum nas histórias em quadrinhos (HQ). A obra original possui mil duzentos e quinze versos, entre monólogos e diálogos, escritos em redondilho maior, métrica utilizada ao longo do tempo por trovadores e pela poesia popular (MUZART, 1981). Porém, na adaptação para os quadrinhos a estrutura de alguns versos foi comprometida para dar lugar à fruição da narrativa gráfica.

A segunda edição de *Morte e Vida Severina* em HQ, publicada pela Editora Massangana (2009), reforça a popularidade da obra de João Cabral de Melo Neto. O universo literário inventado pelo escritor transfigura a realidade nua e crua dessas vidas severinas, e cria beleza onde antes não havia. Por meio desse Auto de Natal pernambucano, o regionalismo da cultura popular nordestina torna-se palco de uma história que reflete um problema filosófico universal, a transfiguração da arte. Frente a tal espanto, deve-se matutar um pouco a respeito da seguinte questão: *Como a adaptação de Morte e Vida Severina em quadrinhos pode fomentar uma iniciação à Filosofia da Arte?* Para isso, é necessário analisar o problema a partir da obra *Iniciação à Estética*, de Ariano Suassuna. Cabe, portanto, refletir sobre como a arte é capaz de criar beleza a partir do feio; ainda nessa empreitada, identificar o trágico e o dramático na obra de Melo Neto; e, por fim, pensar acerca do papel da arte participante, a arte a serviço de uma ideia, ou seja, engajada em uma causa, por meio de uma certa filosofia do absurdo implícita na jornada de Severino retirante.

Uma Filosofia da Arte

O escritor e filósofo Ariano Suassuna (2012) diz que, tradicionalmente, a Estética foi definida como a “Filosofia do Belo”, entendido como uma propriedade objetiva e mensurável do ser. Nesse sentido, O Belo manifesta-se tanto na Arte quanto na Natureza. Essa Filosofia do Belo, inspirada no pensamento platônico, propôs uma suposta hierarquia: em que o Belo da Natureza tinha privilégio sobre o da Arte. Para o intelectual paraibano, Hegel é responsável por inverter essa relação hierárquica, propondo que a Estética se limite ao território da arte, transformando-a em uma “Filosofia da Arte”. Suassuna afirma ainda que Bergson, tal qual Hegel, considera que “para se conhecer a essência da Beleza, deve-se procurá-la na Arte, mais do que na Natureza, pois a Arte procura expressamente criar a Beleza, enquanto que na Natureza ela se encontra apenas por acaso” (2012, p. 228).

Diante disso, este trabalho busca realizar uma reflexão sobre a Filosofia da Arte na obra Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto, adaptada para os quadrinhos por Miguel Falcão. Para tanto, parte-se de uma Estética estudada “dentro de um entendimento filosófico, realista, objetivista e normativo” (SUASSUNA, 2012, p.40). Dedicando-se, pois, à investigação no objeto estético e suas essências.

Destaca-se aqui a estranha mania que a arte tem de subverter o desagradável e recriá-lo como algo admirável, expandindo as fronteiras da fruição estética além do possível na natureza. A adaptação de Morte e Vida Severina para os quadrinhos é um exemplo de tal façanha artística, produzindo beleza onde antes havia apenas a ruína humana em um deserto absurdo. A respeito dessa teimosia poética, Ariano Suassuna diz que “o escritor é uma pessoa que não se satisfaz com o universo cotidiano e então inventa outro” (1991, p.127). É isso que João Cabral de Melo Neto faz, ele inventa um outro mundo dentro de seu poema-dramático. Compete a Miguel Falcão, *a posteriori*, expandir a obra original, dando forma a um universo monocromático.

A exemplo disso, é possível observar que Melo Neto descreve todos os Severinos como “iguais em tudo na vida: / na mesma cabeça grande / que a custo é que se equilibra, / no mesmo ventre crescido / sobre as mesmas pernas finas” (2010, p.84). Mas Falcão não se limita ao texto original, e extrapola a representação do retirante com um minimalismo grotesco. Em sua ilustração, os olhos de Severino são vazios, existe um abismo em seu rosto, um vazio profundo e aterrorizante: como a fundura do buraco de sua fome, e o espanto de sua vasta solidão.

Figura 01: O meu nome é Severino



Fonte: Falcão (2008, p. 9)

Por fim, a resistência do artista consiste em não se conformar com a feiura do mundo ao seu redor. Ao imitar o cotidiano, ele recria e transfigura a própria realidade. Suassuna conclui que a Arte não se contenta com o que é feio e é assim que ela “parece cicatrizar o que existe de chaga no mundo, chamando a vida e o mundo inteiro, como um todo, a uma espécie de ‘salvação estética’” (2012, p.229). A essa teimosia artística dá-se o nome de transfiguração.

A beleza do feio

Defende-se aqui que a arte não é uma mera imitação da natureza. Ao contrário disso, no lugar de uma teoria da imitação, é proposto uma teoria da recriação, ou melhor, da transfiguração. Aristóteles já defendia que a Beleza do Feio não é característica da realidade, senão da Arte. Enquanto certos artistas buscavam o Belo, e para isso representavam aquilo que já é belo no mundo, “havia outros que procuravam fundamentar suas obras no que é feio e até repugnante, como, por exemplo, um pintor que pintasse um quadro cujo assunto fossem cadáveres apodrecidos” (SUASSUNA, 2012, p.242).

João Cabral de Melo Neto faz parte dessa categoria de outros artistas, que criam a beleza transfigurando a feiura do real. Assim, compõe uma arte impura, mas muito mais forte do que aquela que se preocupa apenas com o belo. Uma obra capaz de refletir profundamente sobre o sentido da vida. A respeito disso, Suassuna cita Edgard De Bruyne, que afirma que a “Arte não produz unicamente o Belo, mas também o feio, o horrível, o monstruoso. Existem obras-primas que representam assuntos horríveis, máscaras terríficas, pesadelos que enlouquecem” (2012, p.22).

Frente à feiura, Severino faz de si um bicho-homem. Encurvado: tal qual outras tantas bestas de carga que trazem a própria morte nas costas. Feito um mal-assombo, um encosto, um agouro. E o nômade, cansado, lamenta “— Desde que estou retirando / só a morte vejo ativa, / só a morte deparei / e às vezes até festiva; / só morte tem encontrado / quem pensava encontrar vida, / e o pouco que não foi morte / foi de vida severina” (MELO NETO, 2010, p.92).

Figura 02: O enterro de um trabalhador



Fonte: Falcão (2008, p. 23)

A adaptação da obra de João Cabral em HQ (2009) produz metáforas visuais para representar os encontros do retirante com a morte. O cartunismo xilográfico de Miguel Falcão dá forma à feiura e ao absurdo em um Nordeste monocromático. Assim, retrata a ironia trágica de um ser severino que peleja por um pedaço de chão para viver. Porém, parece que somente depois de morto pode receber a parte que lhe cabe deste latifúndio. Uma cova estreita, medida em palmos.

O trágico e o dramático

Severino é um homem condenado à morte, severa é a própria vida. Chegando em seu destino, o Recife, “podemos subir ainda mais nessa escala temática até alcançarmos o nível da possibilidade trágica em que o ser severino parecia confundir-se com a vítima de um destino cego e fatal (NUNES, 2007, p. 61). No que diz respeito à Filosofia da Arte, Ariano Suassuna acredita que é possível entender o Trágico como um elemento fundamental que perpassa todas as tragédias, sejam elas clássicas, antigas ou contemporâneas.

O escritor e filósofo paraibano defende ainda que em uma tragédia, o Trágico não é a única forma de Beleza que se manifesta. Na mesma obra, outras expressões estéticas também podem coexistir, visto que “uma coisa é a pureza das essências estudadas pela Estética — o

Trágico, o Dramático etc. — e outra coisa é a obra de arte, complexa e ‘impura’ por natureza” (2012, p. 132).

Quanto ao personagem trágico, destaca-se como homem excepcional, cheio de grandezas, melhor do que os demais. Certamente não é uma alma pura, senão uma alma grande. Ele decide o seu destino, perigoso e transcendente, na recusa de tantos outros. E suas escolhas, contadas de um jeito poético, revelam o caráter trágico. O herói trágico enfrenta seus conflitos e assim constrói sua própria ruína (SUASSUNA, 2012). Frente a isso, diante do esmagamento e do inexorável sentido da vida, é possível considerar Severino — homem comum, retirante como outros tantos — como um herói trágico universal?

Ariano Suassuna (2012) comenta que alguns pensadores contemporâneos defendem que a verdadeira tragédia moderna ocorre com o homem comum, mas isso é uma questão de definição. Em sua perspectiva, esses pensadores estão associando tudo o que é doloroso ao Trágico. As ações humanas que vão além do trivial podem ser divididas em dois grandes campos relevantes para a Arte e a Estética: o doloroso e o cômico. Dentro do campo do doloroso, as categorias mais significativas são o Trágico e o Dramático. “Ambos se caracterizam pelo infortúnio, pelo esmagamento, pelo aniquilamento do personagem” (2012, p.144). Porém, em sua visão, as chamadas “tragédias do homem comum” se encaixam melhor no Dramático, pois no Trágico os personagens nunca são ordinários.

Ao contrário do Trágico, o Dramático é mais realista, com uma linguagem seca e sóbria. Nele, o homem comum enfrenta o conflito da vida cotidiana. Mas é importante destacar também que, embora o personagem dramático não alcance a transcendência trágica, isso não quer dizer que ele seja uma pessoa completamente comum. Pessoas inteiramente comuns tornam-se dramáticas somente quando as circunstâncias lhes proporcionam um destino extraordinário. O Dramático é, portanto, uma transfiguração da realidade, e não se limita em apenas imitar a vida (SUASSUNA, 2012).

Diante da dúvida levantada anteriormente, considera-se Severino, antes de tudo, um sobrevivente. Um extraordinário homem comum, portanto, um herói dramático. Cabe dizer, porém, que talvez seja possível ao menos pensar em sua jornada como uma tragédia interrompida. A possibilidade trágica defendida por Benedito Nunes (2007) é um ato suspenso em seu apogeu. Pois, no momento exato em que o retirante desvia no deserto de seus pensamentos acerca de um mundo absurdo. Ele hesita entre afirmar-se como um condenado à morte ou interromper a própria vida. Tornar-se um homem absurdo ou dar o salto final para a

morte? Sua decisão poderia resultar em desfechos imprevisíveis. Então, o instante trágico é impedido pela notícia repentina do nascimento de uma criança. “É a vida festiva do pastoril popular que suspende a marcha da morte trágica” (FIGUEIRA, 2020, p.110).

Severino, um homem absurdo?

Morte e Vida Severina tem seu ápice na seguinte indagação: “— Seu José, mestre carpina, / que diferença faria / se em vez de continuar / tomasse a melhor saída: / a de saltar, numa noite, / fora da ponte e da vida?” (MELO NETO, 2009, p.114). A romaria fúnebre do retirante, cada passo dado com o peso da cruz que carrega por um longo deserto, seu destino cego e implacável. Tudo isso o leva inexoravelmente a este exato momento, a um ponto sem retorno. Nele, a obra cabralina manifesta um caráter impuro, participante, a serviço de uma ideia, de um problema filosófico implícito: o absurdo camusiano.

Ariano Suassuna traz um debate entre arte gratuita e arte participante. Segundo o filósofo, o “problema da gratuidade consiste em verificar se a Arte tem como único fim a criação da Beleza pura, ou se, pelo contrário, a Arte só é legítima quando se engaja, quando se alista” (2012, p.261). Vale destacar que a arte gratuita se preocupa somente com a criação da Beleza. Por outro lado, a participante está sempre a serviço de uma ideia, de uma causa. Ela busca um objetivo para além da Beleza, tornando ideias abstratas acessíveis por meio da arte.

Albert Camus defende que o suicídio é o único problema filosófico realmente sério. Morte e Vida Severina carrega consigo não apenas essa questão filosófica como também outras reflexões relacionadas ao absurdo camusiano. A peregrinação do retirante em busca de um pedaço de chão é marcada não somente pela privação, mas também por uma ausência de sentido para tanto sofrimento. O mundo é indiferente ao espanto do sertanejo. O filósofo franco-argelino afirma justamente que “o absurdo nasce desse confronto entre o apelo humano e o silêncio irracional do mundo”. (2004, p. 41). O sentimento do absurdo emerge desse divórcio do ser severino e seu cenário de vida. Feito um Sísifo nordestino, Severino carrega o peso da própria morte no dorso por uma estrada íngreme. Chegando no cume, o cadáver o esmaga e desce rolando ladeira abaixo. Um castigo sem fim, pois há sempre outros tantos Severinos para repetir o calvário.

Porém, o sentimento do absurdo do homem que emigra é constantemente afastado pela repetição mecânica do cotidiano. Quando perguntado sobre o que sabia fazer; ele responde: “comer quando havia o quê / e, havendo ou não, trabalhar” (MELO NETO, 2009, p.95). E é refutado com o fato de que para o peão do roçado isso é coisa familiar. Apesar disso, a noção

do absurdo se fortalece na fragilidade do bicho-homem frente ao seu universo em crise, “essa densidade e essa estranheza do mundo, isto é o absurdo” (CAMUS, 2004, p. 29).

Cenários ruírem é algo que acontece, diz Camus (2004). O retirante emigra, tenta fugir da morte, que chega antes dos trinta, mas não encontra trabalho, nenhum punhado de chão, ao contrário, apenas coisas de “não”, fome, sede, privação, de domingo a domingo, os dias todos do mês, os meses todos da vida, o mesmo ritmo macabro, que irremediavelmente se repete sem causar grandes problemas durante boa parte do tempo. Até que um dia “surge o ‘por quê’ e tudo começa a entrar numa lassidão tingida de assombro [...] Depois do despertar vem, com o tempo, a consciência: suicídio ou restabelecimento. (CAMUS, 2004, p. 27-28).

Severino chega ao litoral, mas um deserto semiárido invade seus pensamentos. O retirante percebe que durante sua viagem, seguia seu próprio enterro. Mas chegando em seu destino, o defunto ainda está com vida. “A solução é apressar/ a morte a que se decida” (MELO NETO, 2009, p. 110). Esse é o paradoxo final de Severino: Pular ou não pular para fora da ponte da vida? Ele não dá a resposta. O final trágico da obra é interrompido pelo nascimento de um pobre miserável menino.

Talvez, se o clímax trágico não fosse rompido, Severino se afirmasse gloriosamente como um homem absurdo, um condenado à morte. Para Camus (2004), mais importante que a noção do absurdo é o que vem depois. Quem sabe fosse esse o momento de maior grandeza do herói sertanejo. O homem absurdo se apegaria à vida, apesar de sua absurdidade. O retirante seguiria livre da esperança vaga de morrer depois dos trinta. Assumindo, pois, o risco de viver um dia depois do outro, sem desespero. Arrisca-se aqui, portanto, este breve devaneio, imaginar o ser severino como um herói absurdo em potencial. Um Sísifo nordestino feliz. Concluindo que, para o filósofo franco-argelino, o “contrário do suicida é, precisamente, o condenado à morte”. (2004, p. 66).

Conclusão

Este trabalho buscou analisar a versão de Morte e Vida Severina em HQ à luz da Filosofia da Arte, mais especificamente, a partir da obra *Iniciação à Estética*, de Ariano Suassuna. Para isso, realizou uma investigação filosófica sobre o objeto estético e suas essências, sobretudo no que diz respeito à transfiguração da arte, à arte do feio, ao trágico, ao dramático, à gratuidade, ao engajamento e ao discurso filosófico implícito na obra cabralina.

Arriscou-se também em compreender o caráter regional do ser severino como uma essência universal e primitiva. Esse bicho-homem que emigra diante do absurdo, tal qual

fizeram seus primeiros ancestrais: nômades paleolíticos. Em *Uma teoria da arte rupestre*, Ariano Suassuna diz que “os problemas fundamentais do Homem pré-histórico são os mesmo de hoje. O modo como surgem e como são enfrentados podem ser diferentes, mas os nossos temores ainda são os mesmos, os nossos sofrimentos são mesmos” (1991, p.127). Na justificativa de preencher o buraco que traz na barriga ou o vazio que guarda no peito, a humanidade emigra. Frente à chaga de um mundo dilacerado, resta a subversão do artista de transfigurar a feiura do real. Que ao menos a teimosia da Beleza possa ocasionar um pequeno milagre, aliás, uma “salvação estética”.

Referências

- CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo** – ensaio sobre o absurdo. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- FALCÃO, Miguel. **Morte e Vida Severina** (auto de natal pernambucano) em quadrinhos. Recife: Fundaj, Editora Massangana, 2009.
- FIGUEIRA, Felipe Gonçalves. **A morte em morte e vida severina**: estudo sobre a dimensão trágica do texto de João Cabral de Melo Neto. Cadernos de Letras da UFF, v. 31, n. 60, p. 106-120, 16 jul. 2020.
- ROCHA, Gabriel Kafure da. **O mito armorial da morte e a ironia da vida**: possibilidades fenomenológicas existenciais a partir de Bergson, Minkowski e Ariano suassuna. In: Anais do Congresso Internacional de Psicologia Fenomenológico-Existencial: Reflexões sobre os fundamentos e a práxis clínica: entre a ciência e a arte do saber-fazer. Anais do Encontro NUCAFE. Rio de Janeiro (RJ) Instituto NUCAFE, 2024.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. **"Morte e vida severina"** - o poema do não. Travessia, n. 3, p. 33-40, 1981.
- NUNES, Benedito. **João Cabral**: a máquina do poema. Org. Adalberto Muller. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.
- REEGEN, J. G. A psyché na filosofia antiga. **Kalágatos**, v. 2, n. 3, p. 63–88, 2021. DOI: 10.23845/kalagatos.v2i3.5665. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/5665>. Acesso em: 15 maio. 2025.
- SAMPAIO, Leandson Vasconcelos. **Albert Camus e a recusa do suicídio em o mito de Sísifo**. Kalagatos: Revista de Filosofia, v. 17, n. 2, p. 102-121, 2020.
- SUASSUNA, Ariano. **Uma teoria da arte rupestre**. simpósio de pré-história do nordeste brasileiro, v. 1, p. 127-131, 1991.

SUASSUNA, Ariano. **Iniciação à Estética**. 12^a edição. Rio de Janeiro: José Olímpio Editora, 2012.